

Ávila. Além disso, impunha-se uma alteração de regime, visto que os dois se amavam intensamente e convinha distancia-los a título preventivo. Madalena Vilamil sempre esperara, pacientemente, a oportunidade de conhecer a América do Norte. Os acontecimentos pareciam favorecer e reavivar os seus desejos. Como, porém, realizá-los? Muitas vezes, as ocasiões haviam surgido, mas somente para as colônias espanholas e ele as recusara sempre, porque não seria razoável submeter a senhora Davenport e os seus a penosas peregrinações.

Damiano lembrou-se do seu espíriglio. Talvez os documentos particulares lhe sugerissem algum empreendimento. Releu a carta de um amigo de Paris. Convivia-o a rever sua comunidade e trabalhar na capital francesa. Não seria difícil partir da França para o norte da América. Satisfeito com o achado, reteve a idéia durante um mês. Decorrido esse prazo, quando as pretensões de Clenaghan já estavam esquecidas na residência de Madalena, o velho sacerdote começou a tratar do assunto.

II

NOVAMENTE EM PARÍS

Madalena Vilamil acolheu o alvitre do velho sacerdote, entre cismas e esperanças. Desejava, sinceramente, poder um dia abraçar os Davenport. Nunca renunciara ao propósito de ouvir algum sobrevivente do naufrágio em que, segundo a carta de Blois, perdera o esposo amado. Os anos haviam corrido entre esforços angustiosos, mas nunca se lhe apagara na mente a figura de Jaques com a sua generosidade paternal. Às vezes, conjecturava que o carinhoso benfeitor de Blois também já houvera falecido. Ainda assim, seria sempre possível encontrar Suzana ou algum dos irmãos de Cirilo, no Connecticut. Ao demais, sentia-se cansada e doente. Não seria prudente aproximar Alcione dos parentes? Temia morrer deixando a filha sem parentes próximos que lhe velassem pelo futuro. Em tempo, alimentara a esperança de um casamento feliz, mas agora estava certa de que esse problema, na vida da jóven, era muito mais complexo do que poderia supôr. Se a morte lhe sobrevisse, poderia contar com a afeição sincera do padre Damiano, mas também notava que o velho amigo ia-se curvando para a terra, devagarinho, ao peso do intenso trabalho junto das almas. Quanto ao filhinho adotivo, não podia presumir nem esperar dele outra cousa que não fosse preocupações e trabalhos ásperos. Alcione não poderia esperar de Robbie o concurso necessário no porvir. Antes, pelo contrário, ele é que não poderia prescindir do seu arrimo fraternal. E nada obstante, a esposa de Cirilo

sentia-se sem coragem para aderir ao projeto. Compreendia as vantagens e o acerto da empresa, mas sentia-se ao mesmo tempo exausta de fôrças para tentar a jornada penosa. Não hesitaria, se a viagem estivesse definitivamente decidida e traçada em seus detalhes; entretanto, a permanencia em París, antes da resolução definitiva, infirmava-lhe o ânimo. A capital francesa regorgitava de recordações doces e amargas para o seu espírito sensível. Rever os lugares onde conhecera a inolvidável ventura da mocidade não significaria abeirar-se do túmulo dos mais lindos sonhos e chorar para sempre? E enquanto ela assim relutava, Damiano intervinha solícito, valendo-se das ocasiões em que se encontravam a sós:

— Reconheço quão amargurosas são as tuas expectativas mas penso que a felicidade de Alcione e as necessidades de Robbie justificam teu sacrifício. Creio que o ambiente de Ávila já proporcionou ás duas crianças o máximo de experiencia. E chegados a este ponto, nutro os meus receios pelo sobrinho. Alcione nos deu vigoroso exemplo de fé e sacrifício, recusando-lhe os planos de rapaz impetuoso, sacrificado na sua vocação; mas, não será o caso de auxiliarmos agora a generosa menina, prodigalizando-lhe um balsamo ao coração dilacerado? E' que, não obstante o bom senso e a grandeza d'alma, ela deve ter o coração repleto de amor. Isso é inegavel. Considero crueldade expô-la, diariamente, ao exame da sua chaga. Em cada pormenor da igreja, como em cada paisagem de Ávila, seus olhos carinhosos hão de ver a figura do amor torturado e insatisfeito. Por outro lado, pressinto em meu sobrinho manifesta incapacidade de renúncia. A meu ver, ele deu tréguas ao problema, sem o quitar no coração. Quando menos esperarmos, voltará ao assunto com argumentos novos. Não julgas que mais convém prevenir subtraindo Alcione ás tentações? Confio bastante nela, na sua conduta irrepreensível, mas imagino que a medida lhe beneficiará o espírito impressionável.

— Vossa opinião é respeitável, padre Damiano, mas por mim, penso que París fica demasiado longe...

— E contudo, a mudança para outra região espanhola pouco adiantaria. Com referência ao caso de meu sobrinho, ele encontraria logo qualquer pretexto para continuar junto de Alcione, e no que diz com a viagem a América do Norte, a França ou a Inglaterra, somente, nos oferecem facilidades.

— Tendes razão, — acentuou a filha de D. Inácio convicta.

— Pois reflitamos no caso — concluía o velho sacerdote — certos de que, nas feridas do amor, a distancia sempre foi remédio de benéficas reações.

A espôsa de Cirilo passou a considerar a conveniencia da iniciativa, comunicando á filha os seus projetos. Alcione exultou de alegria. O ambiente acanhado de Ávila feria-lhe o coração; os comentários maliciosos apoquentavam-na. Todavia, em revelar-se jubilosa, não se referiu a tais cousas, alegando apenas a esperançosa perspectiva de melhor saúde para sua mãe e para a educação de Robbie. Ante a opinião da jóven, Madalena ganhou novo ânimo. As primeiras providencias foram dadas, com grande espanto de padre Carlos.

Enquanto Damiano comunicava a París a deliberação de partir, a filha de D. Inácio vendia a chacara aos Estigarríbias. Realizou o negócio sem preocupação e sem máguas, mesmo porque, seus velhos amigos Dolores e João de Deus haviam partido para a colonia, com certas vantagens materiais, de acordo com os patrões. Quanto ao mais, Ávila não lhe oferecia motivo a saudades acerbas. Amparada nas esperanças da filha, estava resolvida á partir, ainda que tivesse de enfrentar maiores dificuldades na capital francesa. Enquanto permanecia irresoluta, Alcione incumbira-se de lhe dissipar os últimos receios. Não lhes faltaria trabalho nas cidades grandes. A costura era trabalho remunerativo em qualquer parte. Além disso, Robbie teria ensejo de prosseguir mais firmemente na música. Padre Damiano asseverava não ser impossivel conseguir serviço pago ao seu violino, em alguma igreja. Nesse caso, Madalena animava-se, chegando a esperar com visivel satisfação o dia da partida. Clenaghan, no entanto, mantinha-se em atitude re-

servada. O tutor lhe confiara a igreja de São Vicente com severas recomendações. Fizera-lhe sentir maiormente o quadro de responsabilidades que o cercavam e induzia-o a manter o espírito de renúncia e sacrifício no coração, qual fogo sagrado da sua tarefa. Carlos, porém, parecia alheio aos exercícios religiosos. Alcione era sua preocupação máxima. Inumeras vezes buscava-lhe a companhia carinhosa para aliviar o coração, mas encontrava sempre a expressiva nobreza da sua alma cristã, adjurando-o a consumir-se inteiramente pelo dever bem cumprido, á face do Eterno.

Na véspera da separação que o deixaria mergulhado em saudades angustiosas, buscou-a de maneira a lhe falar intimamente, antes de se apartarem definitivamente. Depois de longas considerações afetivas com que traduzia as penas íntimas do coração, assim falou:

— Não sei se poderei suportar para sempre o cativério em que me encontro. Sou um pássaro engaiolado, ansioso de liberdade...

— Somos escravos do Cristo — atalhou ela, resignada.

— Farei o possível por viver em observância ás verdades que me ensinaste; mas, se um dia for compelido a modificar meu roteiro, irei buscar-te na França ou na América, a-fim-de construirmos o castelo de nossa ventura...

Muitíssimo emocionada, Alcione advertiu:

— Espero que nunca interfiras no que Deus organizou, ainda que se destacassem as razões mais poderosas, porque, acima de tudo, Carlos, suponho que deveremos aguardar nossa ventura entre as luzes do céu.

O pupilo de Damiano calou-se e a palestra prosseguiu entre juras e compromissos afetuoso.

No dia seguinte, pela manhã, as ultimas despedidas lhe provocaram lágrimas copiosas. Abraçou o velho tio comovidamente, dirigindo a todos palavras de reconhecimento e amor, com os votos sinceros de feliz jornada. Alcione estava sufocada. O dever falava-lhe fôrtemente ao espírito, mas a separação doía-lhe nas fibras mais recônditas. No último instante, as lágrimas lhe saltaram

dos olhos. Damiano dava mostras de forte emoção. A senhora Vilamil permanecia recolhida em si mesma. Apenas Robbie mostrava enorme alegria pela novidade da excursão e quasi maravilhado com as suas roupas novas.

Velho companheiro de lutas que se conservava ao lado de Clenaghan, abraçou os viajantes e, reconhecendo a comoção do antigo sacerdote, falou sensibilizado:

— Padre Damiano, não nos conformamos com a sua partida, não somente pela falta de sua palavra animadora, como também porque não acreditamos que se esqueça de Ávila, onde residiu e trabalhou longos anos!...

— Sim, meu amigo, — respondeu o interpelado sem hesitação — sem dúvida que não poderei alijar as confortadoras lembranças da igreja de São Vicente e das pessoas queridas que aqui ficam; mas, por outro lado, não ha esquecer que em toda parte servimos ao Senhor.

Cada qual fazia por se mostrar mais esperançado e confiante no futuro.

Novos adeuses, ultimos abraços, e o carro espaçoso partiu aos solavancos e ao trote dos animais pelo caminho empedrado e poeirento.

A viagem em direção ao litoral da Galiza não foi muito facil; entretanto, com alguns dias de penosa jornada, a pequena caravana atingia Vigo, de onde uma embarcação holandesa a conduziria ao porto do Havre. Madalena Vilamil conservava-se melancólica, presa de recordações dolorosas da França. Damiano a todos encorajava formulando vastos projetos de futuro. Não seria difícil seguir de París para a América, mais tarde ou mais cedo, e essa promessa entretinha e exaltava o otimismo geral. Para distrair Alcione e Robbie, o velho amigo descrevia a beleza dos sítios mais atraentes da capital francesa, falando com entusiasmo da suntuosidade dos templos e dos passeios graciosos pelas águas do Sena. Madalena ouvia-o atenta, identificando os sítios de suas venturoosas excursões em companhia do marido e parecia perder-se num abismo insondável de saudades ansiosas e lindas recordações.

Afinal, chegaram a París depois de longo tempo e de experimentarem os maiores incomodos na viagem.

O padre Amancio Malouzec, da confraria dos Agostinhos e companheiro dedicado de Damiano, esperava-os solícito. Segundo a notícia enviada de Ávila, preparava uma casa modesta no burgo de São Marcelo para Madalena e os seus, reservando um apartamento no prebisterio de São Jaques para o velho amigo de muitos anos. A filha de D. Inácio, da caleça em que se encontravam em transito, reparava com admiração as ruas e praças do seu conhecimento. Luis XIV reinava ainda e a cidade atestava uma administração vigilante e cuidadosa. Depois de atravessar o burgo de São Vitor, a viatura penetrava o de São Marcelo e parava ao lado de modesta casinha. Desceram todos, enquanto padre Amancio, muito gentil, oferecia a singela residencia. A filha de D. Inácio experimentava enorme estranheza pela mudança brusca de ambiente. Procurou, porém, adaptar-se á nova situação. Insistindo pela nota das despesas, fez questão de pagar tudo, embora Damiano e o amigo fizessem o possível por evitar o feito. Somente mais tarde, o velho sacerdote retirou-se para São Jaques, quando a organização de todos os projetos tranquilizara Madalena e os seus.

Alcione não conseguia dissimular a surpresa que lhe causava a extensão de Paris, com as suas expressões de vida intensa. No íntimo, rogava a Deus lhe fortalecesse o espírito para os trabalhos que lhe estivessem ali reservados, pronta á execução dos seus deveres.

A primeira necessidade dos Vilamil foi atendida daí a dois dias; padre Amâncio lhes angariou ótima serva, uma velhinha desamparada e dona de nobres sentimentos. Luisa captou logo as simpatias de Madalena e da filha. Ha muito que ela se via quasi em abandono. As famílias abastadas recusavam os serviços de gente mais idosa e a sua situação era das mais precárias. Tal circunstancia aproximou-a mais fortemente da nova patrôa, constituindo valioso arrimo para a esposa de Cirilo, que necessitava incrementar o proprio trabalho remunerado, para atender aos gastos domesticos.

Prementes dificuldades, no entanto, esperavam a filha de D. Inácio, que, a breve trecho se encontrou em maiores apuros. Nem siquer pudera sair á via pública, a-fim-

de visitar o tumulo dos pais, como tanto desejava. A mudança de meio trouxera-lhe a revivescencia da enfermidade dos pés, com carater agudissimo. Padre Damiano, por inexplicáveis circunstancias, tambem adoecera em casa do colega, em S. Jaques. Alcione, depois de atender aos encargos caseiros, ia todos os dias de um a outro bairro, grandemente preocupada com os dois enfermos. Em casa, tomava as lições do irmão adotivo, buscava praticar o francês em longas conversações com Luisa e cuidava, com infinitos desvelos, das melhoras da progenitora. Esta, muito impressionada com a evasão dos reduzidos recursos que trouxera de Ávila, procurava instruir a filhinha para que a obtenção de trabalho em Paris lhe fôsse facilitada. Em vão, enviou-a em procura de Colete e de outras amizades dos tempos idos. Madalena tinha a impressão de que fôrças impiedosas haviam varrido todos os traços parisienses em que concentrava as suas lembranças cariciosas. Alcione, apesar da fé que lhe fortalecia o coração, permanecia igualmente preocupada. Era indispensável atender ao tratamento materno, cuidar dos pagamentos á serva, prover as necessidades de Robbie. Em suas visitas a Damiano, abstinha-se de lhe confiar as graves inquietações. O velho sacerdote, contraíndo inesperadamente implacavel moléstia dos pulmões, definhava dia a dia. A jóven, porém, criou coragem e solicitou o socorro do padre Amancio, a-fim-de lhe angariar algum trabalho. Costurava, bordava, ensinava música e talvez não fôsse difícil obter colocação nalguma oficina honesta, ou em casas abastadas. O novo amigo dos Vilamil pôs-se em campo. Antiga costureira nas vizinhanças da ponte de São Miguel, autorizou padre Amancio a lhe mandar a candidata para lhe conhecer as habilitações.

Alcione apresentou-se. Madame Paulete, que mascarava os péssimos costumes com atitudes beatas, não gostou do seu porte nobre e da sua candura. Era demasiado pura e simples para servir-lhe aos propósitos obnoxios.

Após observá-la meticulosamente, a costureira esboçou um gesto significativo e sentenciou:

— Lamento bastante, mas não é possível utilizar seus serviços, por enquanto.

— Por que, Madame? — perguntou a filha de Madalena com inflexão de tristeza, por ver aniquilada a sua esperança.

A interlocutora procurou ocultar os verdadeiros sentimentos, acentuando:

— Sua dificuldade de pronúncia não satisfaz as exigências da freguezia.

— Mas poderei costurar sem inconveniente e com o tempo creio poder satisfazê-la no referente à linguagem.

— Não posso — disse a outra inflexivel — a clientela de bom gôsto exige muitos recursos verbais.

Alcione, muito humilde, deixando transparecer grande amargura na voz, insistiu:

— Madame Paulete, certamente a senhora está com a razão; entretanto, ousaria apelar para sua bondade. Tenho muita necessidade de trabalho!... Minha mãe está gravemente enferma e, além disso, todas as despesas da casa correm por minha conta... Se a senhora pudesse admitir-me em sua oficina de costura, pode crer que praticaria uma ação caridosa e justa, com o nosso eterno reconhecimento. Quem sabe terá outros serviços de que me possa ocupar, honestamente, em sua casa? Sem conhecimentos em Paris, estamos em luta com os maiores obstáculos.

Essas palavras, porém, embora denunciassem extrema aflição de uma filha carinhosa, não produziram efeito. Madame Paulete, com expressão algo ironica, voltou a dizer:

— Infelizmente não estou em condições de atende-la; mas, minha menina, não será só a costura que lhe poderá valer. Ha muitas mulheres da sua idade ganhando a vida em Paris, com menores esforços.

Enquanto Alcione, surpreendida com insinuação tão ingrata, sentia-se impossibilitada de responder, a interlocutora concluia impiedosamente:

— Com seus modos simples e com a sua juventude não seria difícil...

Alcione sufocou as lágrimas dentro do peito e des-

pediu-se. Atordoada com o borborinho das ruas, voltou à casa, submersa em graves cogitações. Madame Paulete fôra cruel, mas cumpria colocá-la em sua posição e esquece-la. Compreendia a inutilidade de se entregar a lamentações estéreis. Certo, Deus não lhe havia concedido as claridades divinas da fé para as horas tranqüilas da existencia. Seu coração detinha o depósito sagrado a-fim-de aprender a nortear-se para o mais alto, ainda que desabassem todas as tempestades mais violentas. Esse pensamento tranquilizou-a. Não acreditava em Jesus como Salvador distante, sim como Mestre amado, presente em espírito, às lições dos discípulos entre os sofrimentos e experiencias do mundo. Sentia-se em momentos de testemunho. O Senhor não a esqueceria. Da sua inexgotável bondade viriam recursos inesperados. Proseguiria esforçando-se e estava certa de que a mão de Jesus viria em seu socorro.

Engolfada em profundas meditações, entrou em casa, morta de cansaço. Tal como sucedera um dia a Madalena, Alcione tambem tivera necessidade de tranquilizar o espírito materno com palavras que disfarsassem as realidades amargas.

De olhos esperançados, a esposa de Cirilo interrogou ansiosa:

— E o trabalho?

Esboçando um sorriso de paz espiritual, a jóven acentuou:

— A oficina me admitirá por estes dias.

A senhora Vilamil deu um suspiro de alívio e murmurou:

— Graças a Deus! Que me dizes de Madame Paulete? E' pessoa respeitável?

— Pouco conversamos, mas, ainda assim, me pareceu pessoa muito estimável e digna.

— Ainda bem — exclamou a maezinha, despreocupando-se. — Meu maior receio provêm de conhecer alguma cousa dos abusos parisienses. Nem todas as costureiras são criaturas dedicadas ao lar.

— Pode ficar tranquila, mamãe, — revidou a jóven

por desfazer os temores maternos — em qualquer circunstância não esquecerá seus bons exemplos.

Madalena Vilamil envolveu-a num olhar de carinho imenso, no qual transparecia a máguia de não poder locomover-se e trabalhar. Mais comovida, falou depois de longa pausa:

— Conheço de experiência própria o que significa pleitear umas tantas causas neste Paris. Antes de nasceres, minha mãe esteve de cama longo tempo. As necessidades tornavam-se cada vez mais prementes e tive de sair á cata de recursos, com a diferença que eu rogava favores e tu pedes trabalho.

Em voz pausada, entrou a relatar velhas reminiscências, pintando ao vivo o quadro das falsas amigas de D. Margarida, quando lhe atiraram em rosto certas observações ingratas e implacáveis.

Quando terminou, chorava copiosamente, mas Alcione tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a com enterneçimento, por dizer:

— Esqueçamos, maezinha! Por que recordar causas tristes? Deus não esquece os seus filhos. Certo que não nos faltará recurso e amparo!... Breve estarei trabalhando, com vencimentos que nos satisfaçam as necessidades. Além disso, padre Damiano, logo que melhore arranjará serviço musical para Robbie, na igreja. Depois a senhora melhorará e conseguiremos bordados para fazer em casa. Não é verdade que temos um mundo de boas esperanças á nossa frente?

A enferma pareceu adquirir nova expressão de bom ânimo.

— Teu otimismo é contagioso, — murmurou mais tranquila — no entanto, com referência ao padre Damiano, tenho triste nova a dar-te. O reverendo Amancio esteve aqui, na tua ausência, para cientificar-nos do seu estado. O médico já perdeu as esperanças, pois afirma que o velho amigo está tísico e terá poucos meses de vida.

A moça escutava os informes sem dissimular a dor que lhe causavam. A progenitora, porém, prosseguia em tom pesaroso:

— Um pormenor muito grave da situação, segundo

informa padre Amancio, é que o nosso benfeitor não dispõe presentemente de qualquer recurso. Notei-o muito preocupado por esse motivo, por quanto, alega que o generoso sacerdote precisa custear certas despesas inadiáveis, a-fim-de poder continuar no presbitério de São Jaques do Passo Alto, tal como, por exemplo: aquisição de utensílios e de um criado, visto ter de ficar isolado, por se tratar de mal contagioso.

— Então o padre Malouzez não pode auxiliá-lo nisso? — perguntou Alcione compungida e aflita.

— Notei-o pouco disposto a fazê-lo.

— E que lhe disse a senhora?

— Fiz-lhe ver que nossas necessidades também eram duras, nestes seis meses sem trabalho, mas, ainda assim, que esta casinha está á disposição do enfermo. Minha declaração desconcertou-lhe um tanto o espírito práctico e todavia, tenho preocupações muito justas.

— Providenciaremos para obter o dinheiro — esclareceu a moça, resoluta.

— Como? — perguntou Madalena assaz impressionada. Se precisamos no mínimo de duzentos a trezentos francos para atender ás despesas de instalação do doente em pequeno pavilhão separado.

— Estou certa de que não nos faltará a soma precisa — confirmou a jóven. Amanhã cedo irei encorajá-lo e tratar do assunto.

— Com os nossos sofrimentos atuais, acrescentou Madalena, creio que fica liquidado o projeto de viajem a América.

— Não diga tal, mamãe! Nas noites mais escuras a esperança é um raio mais forte.

A palestra continuou entre motivos de mútuas consolações.

Na manhã seguinte, apesar de muito preocupada com o insucesso da véspera, a jóven chegava ao quarto do enfermo, antes das nove horas. Não se avistava com o amigo havia três dias. Encontrou-o muito desfigurado, excessivamente pálido, olhos encovados. Empurrou de mansinho a porta entreaberta, a-fim-de surpreende-lo. Reparou-lhe na fisionomia cansada e deteve-se na obser-

vação detalhada de suas características. Com efeito, piorava muito. As mãos, a reterem volumoso livro cujas páginas lia atentamente, pareciam de cera. A respiração revelava-se algo acelerada. Alcione reprimiu a própria amargura, dominou a emoção e exclamou sorridente:

— Lendo a Bíblia?

Damiano fez um gesto de grande alegria, saudando-a com ternura. Ela o abraçou e arrebatando o livro, procurou ver que meditações o preocupavam no momento. Eram as exortações do Eclesiastes: — “Tudo (1) tem o seu tempo determinado e ha tempo para todo o propósito debaixo do céu; ha tempo de nascer e tempo de morrer.”

— Discordo — murmurou solicita — que o senhor adoentado como se encontra, esteja a ler estas cousas tristes.

O sacerdote esboçou um sorriso algo desalentado, acrescentando:

A' tua mãe, Alcione, talvez não tivesse coragem de falar com esta franqueza sóbre o meu caso. Ela é demasiado sensível e já tem sofrido muito. Não seria razoável aumentar-lhe as amarguras. Eis porque preciso desabafar contigo, não obstante a tua mocidade. Já sei que este meu mal é incurável e não posso deixar de concluir que, para mim, vem perto a hora da partida. Estejamos, pois, fortalecidos em Jesus, porque, como nos diz a Bíblia, a carne é tambem um vento que passa e nós somos filhos da eternidade!

A moça escutava-o comovida, olhos marejados de pranto. Desde a infância habituara-se a encontrar naquela afeição os melhores estímulos de coragem para as lutas da vida. Estimava-o, qual se fôra seu pai. Instintivamente, lembrou-se do tempo das vigorosas pregações evangélicas em Ávila. Ninguem diria que aquele homem robusto, insinuante e sugestivo pela sua palavra franca, chegaria áquele estado de miseria orgânica. Seus olhos lúcidos denunciavam o desassombro e a serenidade de todos os dias, mas a expressão geral evidenciava enorme astenia. Quis responder, consolá-lo com palavras ani-

(1) Eclesiastes: 3:1-2. (Nota de Emmanuel).

madoras, mas nada lhe ocorreu. Forte constrição da garganta lhe embargava a voz. A franqueza do velho sacerdote desarmara-lhe o espírito carinhoso. Impossível ensaiar palavras que iludissem a gravidade da situação, quando o próprio Damiano sentia-se tranquilo e conformado. Percebendo-lhe o enleio, o religioso continuou:

— Não falemos de mim, Alcione. Conta-me antes o resultado da diligencia de ontem. Conseguiste trabalho?

A pobre menina fez um gesto triste e sentiu-se no dever de falar francamente ao grande amigo da sua infancia.

Quando terminou a exposição amarga, o sacerdote comentou:

— Imagino como terás sofrido nesse contacto direto com a espécie humana; entretanto, não sofras por isso. Agradece a Deus o te haver revelado Madame Paulete, tal qual é, antes de assumires qualquer compromisso, pois quando nos comprometemos com o mal, ainda que inocentemente, aliciamos grandes dificuldades por nos libertarmos dos seus odiosos laços. No teu caso, pois, devemos estimar a esmola de uma santa lição. E' que, às vezes, naquilo que denominamos maldade e ingratidão do mundo, pode existir um socorro divino em nossa própria defesa.

A jóven enxugou as lágrimas e sorriu concordando.

— O trabalho honesto não falta — prosseguiu o religioso paternalmente — temos outros amigos em Paris. Espero a visita de um colega a quem pedirei se interesse por tí. O padre Guilherme é um companheiro de lutas que conheceu Carlos e sua mãe, ainda na Irlanda. Estou certo de que nos auxiliará.

A jóven, notando-lhe a preocupação sincera, procurou esquivar-se ao assunto que lhe dizia respeito. E vendendo-lhe os pés descalços, perguntou:

— Onde está o agasalho de lã? O senhor não pode ficar assim...

Ele sorriu e informou:

— Guardei-o na mala.

— Por que? — insistiu surpreendida.

— Creio que, para a semana me recolherei ao pavi-

lhão dos indigentes, na Misericórdia, ou na casa dos pobres de São Ladres.

— Não pode ser — exclamou a filha de Cirilo contristada — não podemos concordar com o seu recolhimento a casas religiosas, como indigente. Nós ainda aqui estamos...

Assim falando, a menina Vilamil tinha o aspecto desolado de uma filha angustiada.

— Que tem isso, Alcione? — tornou o religioso serenamente — não devo sobreregar teu coração, que enfrenta agora tantas lutas em silêncio! Além disso, não será útil o meu internamento nas instituições piedosas?! Atualmente não poderei ocupar-me dos ofícios eclesiásticos, mas lá, entre os necessitados, talvez encontre algum serviço nas preâmbulas evangélicas aos mais desditosos.

A resignação do velho amigo, provocava-lhe pranto copioso.

— O catre da indigencia — continuou Damiano — deve proporcionar meditações sadias. E não será isso um acréscimo de misericórdia? Basta lembrar que o Mestre não o teve. Seu derradeiro pouso foi a cruz; seu último caldo um pouco de vinagre; sua última lembrança do mundo a coroa de espinhos!...

Alcione esboçou uma atitude de profunda compreensão e disse:

— Não rejeito as lições de Jesus e rogo á sua infinita bondade nos proteja o coração para os testemunhos necessários, mas creio que o Mestre atenderá minhas súplicas e entenderá meus rogos filiais!... Diga-me se lhe não falta dinheiro para as despesas imediatas.

E embora convicta de não encontrar recursos com a progenitora, asseverou, confiando em Jesus:

— Pode crer que, não obstante as dificuldades do momento, ainda temos recursos suficientes para cuidar das suas melhorias.

Damiano parecia acanhado, em vista da sua carencia absoluta de meios, mas, esforçando-se por confessar a verdade acabou murmurando:

— De fato, meus recursos estão exgotados com as

despesas que fui obrigado a fazer aqui em São Jaques, mas não nos preocupemos com o dinheiro, filha...

— Não, não é o dinheiro que me preocupa e sim as suas necessidades... Não concordo com a sua transference para a Misericórdia. Se não puder ficar aqui, ficará em nossa casa.

E como o sacerdote experimentasse certa dificuldade para redarguir, Alcione continuou:

— Perdoe-me se intervenho ousadamente em tal assunto, mas o que reclamo tem prerrogativas de direito — o direito da amizade. Sempre o considerei um pai. Diga-me: quanto pede o reverendo Amancio pelas suas novas acomodações?

De olhos brilhantes no testemunho de humildade daquela hora de extremas provações, Damiano respondeu:

— Duzentos francos para a aquisição de utensílios e pagamentos iniciais a um servicial.

— Ora essa! — disse a generosa menina revelando despreocupação — nunca mais me fale em se reunir aos indigentes por tão ínfima quantia! Queira assumir o compromisso, porque depois de amanhã trarei o dinheiro. Temos maior quantia lá em casa e não nos fará falta de maneira alguma.

O velho amigo dirigiu-lhe um olhar de reconhecimento.

Ainda trocaram idéias e consolações por algum tempo, ficando ela de voltar daí a dois dias, e o velho sacerdote falou da esperança que tinha na proxima visita do padre Guilherme, que, por certo não lhes faltaria com prestimosa cooperação.

Alcione despediu-se, mostrando-se confortada, mas tão logo alcansou a rua, sentiu-se presa de extrema preocupação. Onde conseguir duzentos francos para socorrer o amigo doente? Debalde excogitava meios de satisfazer a promessa. Os vizinhos eram gente paupérrima. Obter qualquer adiantamento em oficinas de trabalho, era impossível, porquanto, não alcansara nem mesmo um trabalho certo. De alma opressa, lembrava que não poderia confiar o assunto á progenitora, fazendo-a sofrer mais que ela propria. Entretanto, era indispensável conseguir o dinheiro. Andava depressa e contudo, concentrada em

angustiosa meditação. Começou por pedir fervorosamente a Jesus lhe inspirasse um meio lícito. Já proximo de casa, notou que alguém cantava á porta de uma velha igreja do bairro de São Marcelo, para ganhar a vida. Era um cégo. Aproximou-se e deu-lhe alguma cousa do pouco que tinha consigo. Imediatamente, nasceram-lhe novas idéias. Não seria viável um concerto com o concurso de Robbie, num local bem concorrido? Poderia cantar ao som do violino do irmão adotivo. Talvez conseguisse dessarte a quantia necessaria para socorrer de pronto o padre Damiano. Essa perspectiva alegrou-a. Entrou em casa tão satisfeita que a progenitora perguntou interessada:

— Como vai o padre Damiano? Pelo que leio em teu rosto, ele não está assim tão mal.

— Seu estado ainda é grave, mas achei-o calmo e otimista.

A senhora fez um gesto de admiração e acrescentou:

— Que ha, Alcione? Vejo-te muito mais animada e satisfeita...

— E' que já fui avisada que amanhã poderei comparecer ao serviço.

— Graças a Deus! — Bendita a hora em que aprendeste a costura!...

Em seguida, Alcione chamou Robbie ao pequeno quintal, para científica-lo do plano.

— Um concerto? — disse o rapazote impressionado.

— Sim, mas é preciso guardar segredo. Mamãe sofreria muito se viesse a saber. Se não arranjarmos o dinheiro, padre Damiano irá parar na Misericordia e talvez nunca mais o vejamos. Cantaremos só amanhã, porque depois é possível que eu arranje trabalho para nós.

O pequeno arregalou os olhos estrábicos e concordou:

— Então vamos.

E passaram logo a trocar idéias e conchavar no tente para o dia seguinte. Isto feito, entraram em casa de semblante alegre. Justificando o ensaio, Robbie pediu para tocar alguma cousa, não obstante a hora imprópria. Madalena concordou e Alcione disse que ia cantar para distraí-la. Ambos tomndo posição, recordaram velhas

melodias castelhanas, canções aragonesas, versos populares da Andaluzia. Apesar do sofrimento dos pés, a senhora Vilamil sorria encantada, murmurando:

— Nossa casa hoje está muito alegre! Que dia adorável!... Foi pena ter deixado em Ávila o meu velho cravo...

Robbie entusiasmava-se em lhe ouvindo as expansões e exibia arcadas mais difíceis e mais seguras. Luisa ria e chorava de contentamento e emoção. A jóven cantou quanto lhe veiu á lembrança. Repetiu as raras canções francesas que conseguira aprender e recitou numerosas poesias de Lafontaine.

E assim terminou o dia entre cariciosas alegrias domésticas.

Na manhã seguinte, Alcione beijou a mãe ao despedir-se e preveniu:

— Logo, voltarei para a refeição e ao tornar ao trabalho quero que me concedas a companhia de Robbie, pois creio que tenho de regressar mais tarde, á noite.

Madalena disse que sim e abençoou-a com as suas blandícias de mãe.

Alcione andou muitos quilometros de ruas e praças, estudando o local adequado á iniciativa. Algo cansada, parou junto ao templo de Nossa Senhora e entrou. Descansou longamente em preces fervorosas, lembrando que não haveria melhor local para o empreendimento que o adro daquela casa consagrada á Mãe Santíssima. Não vacilou. Voltaria ao bairro de São Marcelo para trazer o irmão adotivo. Começariam o concerto ao cair da tarde, confiantes no interesse popular.

Entrou em casa muito esfogueada de sol, tomou a refeição e saiu com o rapaz. Tiveram o maior cuidado no retirar o instrumento, para não serem percebidos por Madalena e pela criada.

Emocionada, naquela conjuntura de angariar o dinheiro indispensável ao velho amigo, Alcione penetrou novamente na igreja e orou, implorando o socorro divino.

As brisas suaves do crepúsculo corriam mansamente quando os dois artistas improvisados tomaram posição e preludiaram as primeiras notas, justamente quando a

multidão em massa afluiu ao templo. Numerosos carros iam e vinham. No firmamento escampo de nuvens, Vésper cintilava. Alcione começou a cantar, mas, com tanta harmonia e sentimento, que, dir-se-ia um anjo baixado á Terra para transmitir aos homens as suaves belezas do crepúsculo. Em breves instantes, transeuntes, clérigos, fidalgos e gente do povo, formavam em torno compacta assistencia. Cada canção era aplaudida freneticamente. A cantora inspirava profunda simpatia a-pesar-da malícia de alguns cavalheiros presentes. Algumas velhinhas ouviam-na, lacrimosas. E assim transcorreu uma hora de franco sucesso. Dois padres generosos mandaram acender tochas, para que o concerto se prolongasse até mais tarde. Alcione cantava sempre. Sentia-se corar de vergonha quando as dádivas lhe caíam na bolsa, mas, vinham-lhe á mente o padre Damiano e a progenitora, e experimentava enorme consolação, julgando-se quasi feliz. E enquanto agradecia as palmas com ademanes graciosos, Robbie arrancava cristalinos acórdes do seu violino. Todos se impressionavam com a beleza da jóven, a contrastar os traços grosseiros do pequeno violinista. Houve mesmo quem lhe sussurrasse no ouvido:

— Parece um morcego ao lado de uma cotovia!...

Compreendeu o sentido da frase, mas, interpelada pelo irmão adotivo, que não entendia muito bem o francês, procurou confortá-lo, dizendo:

— O auditorio está entusiasmado e calculo que já temos quasi cem francos. Não desanimemos.

— Estou bem fatigado — alegou o rapaz.

— Lembra-te de mamãe e do padre Damiano...

O menino pareceu refletir e fazia vibrar o instrumento com maior entusiasmo.

Nesse interim, surgiu poucos metros distante uma carruagem de família rica. No seu sotaque espanhol, Alcione cantava, no momento, velhas modinhas francesas. Impressionados, talvez, com o quadro inédito, os dois passageiros da viatura deram ordem de parar. Um cavalheiro prematuramente envelhecido, aparentando mais de cincuenta anos sem os ter, desceu do coche dando o braço a uma senhora muito magra e abatida. Dominado por

estranya emoção, encaminhou-se resoluto para o grupo, como que forçando a companheira a seguir-lhe o passo lesto e resoluto. A certa distancia, podiam ver a cantora, que parecia coroada pela luz das tochas resplandecentes.

— E' o retrato de Madalena! — disse, empalidecendo.

— Vamo-nos embora — murmurou a companheira num ensaio de recuo — deve ser alguma vulgar cantora de rua.

— Não, não — respondeu o desconhecido em voz muito firme, como a indiciar que viviam em constante desacôrdo — se queres, vai-te e manda-me o carro depois.

— Isso não, — revidou visivelmente enfadada, deixando-se ficar junto dele, que se mostrava de mais a mais enlevado e atento á cantora, cuja voz melodiosa enchia o silêncio da noite e lhe falava misteriosamente ao coração.

Quando ela cantou uma velha música espanhola, êle não se conteve, levou a mão ao peito e disse á companheira:

— Lembras-te do Carroussél de junho de 1662? Não foi esta uma das melodias de Madalena?

A senhora, apesar de muito contrariada, redarguiu:

— Sem dúvida... Recordo-me perfeitamente do baile de Madame de Choisy...

Êle aproximou-se mais. Estava tão embevecido que se fazia notado dos circunstantes, e a despeito do carrancudo semblante da companheira. O desconhecido, porém, parecia não dar por isso. Entregue á contemplação da cantora, envolvera-se no suave magnetismo da sua personalidade, sem se dar conta de tudo mais.

No momento em que Alcione terminava uma doce cantiga de Castela a Velha, êle aproximou-se dos dois artistas e perguntou delicadamente:

— A Senhorita que conhece tantas músicas da Peñinsula, conhacerá uma velha melodia espanhola, chamada "A Calhandra Aragonesa"?

— Perfeitamente, e se faz gôste posso canta-la para o senhor.

— Terei imenso prazer.

Alcione advertiu ao irmão adotivo como devia ensaiar as primeiras notas.

— Não me recordo bem — acentuou o violinista.

— Ora, Robbie, como é isso? E' uma daquelas primeiras melodias que mamãe te ensinou.

O menino fez grande esforço mental e concluiu:

— Já sei...

Algumas arcadas harmoniosas assinalaram o introito de inefável beleza e, daí a momentos a voz límpida e aveludada da jóven se fazia ouvir, em religioso silêncio da assembléia numerosa. Obedecendo, talvez, a secretos impulsos do coração, Alcione imprimia novo encantamento espiritual em cada acorde. Dir-se-ia o nenioso gorgorio de um pássaro abandonado na vastidão da noite.

A música, muito delicada, realçava antiga lenda que traduzia o lirismo popular:

No manto da noite amiga,
Ouve esta velha cantiga,
Guarda no peito a canção
Da calhandra do caminho,
Que errava sem ter um ninho
Na verdura de Aragão.

A pobrezinha vivia
Numa perene agonia,
Em dolorosa mudez;
Era a imagem da saudade,
Nos andrajos da orfandade,
No luto da viuvez.

Mas, em certa primavera,
A pobre, que andava à espera,
Reparou, findo o arreból,
Que chegava de mansinho,
Olhos cheios de carinho,
Seu amado — o rouxinol.

Desde essa hora divina,
A calhandra pequenina
Que errava de déu em déu,
Enfeitou-se na vitória,
Encheu-se de vida e glória,
Cantando no azul do céu.

Brincava na paz da fonte,
Ia ao longe, no horizonte,
Sob o sol, sob o luar...
Fôsse noite, fôsse dia,
Transbordava de alegria,
Nas penugens de seu lar!

Mas, um dia, o companheiro
Deu-lhe o olhar derradeiro
Da bolsa de um caçador!...
A calhandra infeliz
Tombou sem vida na estrada,
Na angústia do seu amor.

No manto da noite amiga,
Ouve esta velha cantiga,
Guarda no peito a canção
Da calhandra do caminho,
Que errava, sem ter um ninho,
Na verdura de Aragão.

Quando terminou, o cavalheiro levou o lenço ao rosto, como se fôra enxugar o suor, mas, na verdade, disfarçando as lágrimas que lhe brotavam dos olhos. Depois de consultar o bolso, retirou um pacote de moedas e entregou-o à cantora, nestes termos:

— Tome lá, senhorita, esta lembrança lhe pertence. Sua voz me deu emoções que procuro em vão, há vinte anos.

E enquanto Alcione hesitava diante de uma espórtula tão vultosa, o desconhecido insistia:

— Isto é nada, comparado ao que lhe fico a dever.

A companheira bem que o fisiava com olhares de censura, mas ele permanecia alheio e indiferente às suas atitudes. A cantora, porém, mostrava-se sumamente reconhecida.

— Deus o recompense, senhor!

Robbie também lhe mandou um olhar de enorme satisfação, através do qual transparecia o desejo de encerrar o ato. E, como se estivesse apenas esperando o cavalheiro desconhecido para terminar o trabalho da noite, a filha de Madalena agradeceu a todos, comovida-

mente, e retirou-se com humildade, amparando o irmão adotivo que se mostrava exausto pelo esforço dispendido.

O casal, por sua vez, retomou o carro, sob forte impressão.

— Quanto déste á cantora? — perguntou a mulher abruptamente.

— Trezentos francos.

— Ainda havemos de acabar indigentes, graças ao teu sentimentalismo — exproiou amuada.

— Se lhe houvesse dado três mil escudos, nem assim pagaria a terna emoção que me despertou n alma saudosa...

E recairam em penoso silêncio, enquanto a carruagem rompia a escuridão da noite.

Alcione e Robbie regressavam ao lar, tomados de imensa alegria. Quando se viram longe do adro de Nossa Senhora, o pequeno comentou:

— E' bem duro pedir, não achas, Alcione?

— Não é tanto assim — respondeu-lhe resignada — a necessidade, Robbie, às vezes, nos ensina a afabilidade e a docura com o próximo. Nunca reparaste que as crianças muito independentes costumam ser caprichosas e ásperas? Assim também, já crescidos, é útil que venhamos a precisar do concurso de outrem, por tornarmo-nos mais carinhosos, mais sensíveis ao afeto fraternal...

— Isso é verdade — concordou o pequeno — são raros os meninos brancos que me tratam bem.

— E' porque ainda não sabem o que é a vida. Se um dia a necessidade lhes bater á porta, compreenderão, talvez imediatamente, que somos todos irmãos. Suponho que Deus, sendo tão bom, facultou a pobreza e a doença no mundo para que aprendessemos a sua divina lei de fraternidade e auxílio mútuo.

Robbie muito admirado, ponderou:

— Desejava sentir essas cousas conformado, assim como te vejo, mas a verdade é que, quando me humilham, sofro muito. Faço enorme esforço para não reagir com más palavras e confesso que, por vezes, se não fôsse a mão doente, agrediria alguns meninos.

— Não agasalhes esses pensamentos, procura fazer exercícios mentais de tolerância. Reflete, contigo mesmo,

como tratarias as crianças negras se fôsses branco, imagine qual seria a tua atitude com os doentes, se fôsses completamente sâo.

O pequeno violinista meditou longamente e respondeu muito sério:

— Tens razão.

— Sem dúvida, isto que aqui te digo requer muito esforço, porque só o pecado oferece portas largas ao nosso espírito. A virtude é mais difícil.

O menino pareceu refletir algum tempo e obteve mudando o rumo do diálogo:

— Quem será aquele homem tão bom que nos deu tanto dinheiro?

Alcione fez um gesto significativo e respondeu:

— Eu também estou impressionada. Deve ser algum enviado de Deus.

— Mas parecia tão triste...

— Também notei isso. Que Jesus o abençoe pelo auxílio que nos deu. Amanhã levarei ao padre Damiano o pacote que parece conter mais de duzentos francos, e com o restante vou pagar a Luisa o que lhe devemos e chamar um médico para tratamento mais sério da saúde de mamãe...

Mal havia terminado as explicações, o pequeno tropeçou, caíndo ao solo, desamparadamente. Ante a força moral que a irmã adotiva exercia sobre ele, levantou-se com esforço, acrescentando:

— Não te incomodes, não foi nada. Caí porque precisei resguardar o violino...

A jóven, contudo, inclinou-se comovida.

— Como vês, Robbie, — disse intencionalmente — não apenas pediste nesta noite. Trabalhaste muito. Estás cansado... Vamos procurar um carro que nos leve a São Marcelo. E' um luxo que hoje poderemos pagar.

Ele concordou de bom grado e não tardaram muito a reentrar em casa, onde Madalena já se mostrava inquieta.

No dia seguinte, em vez de sair para o trabalho, conforme dizia á progenitora, Alcione dirigiu-se a São

Jaques do Passo Alto, com o socorro destinado ao velho sacerdote.

Damiano contou o dinheiro com atenção e observou:

— Trezentos francos, minha filha? Sei que Madalena luta com enormes dificuldades. Onde guardavas esta quantia?

Enfrentando aquele olhar penetrante, cheio de preocupações afetuosas, Alcione deu-se por vencida e confessou o feito da véspera. Sem dinheiro e sem relações, ressolvera dar um concerto público com Robbie, no adro da igreja de Nossa Senhora. O rendimento fôra muito além da expectativa.

O enfermo abraçou-a, comovidíssimo, cheio de gratidão pelo sacrifício.

Depois de contar os episódios da feliz aventura e dar as impressões do seu contacto com a massa popular, Damiano lhe ponderou:

— Sem dúvida Jesus te protegeu nessa aventura singular, compadecendo-se das nossas necessidades. Entretanto, minha filha, penso que não deves reincidir nessas exibições. Ao lado das pessoas generosas, ha sempre muitos exploradores e numerosos vadíos. Temo por tua mocidade e pela inocência de Robbie!...

E enquanto ela concordava, pensativa, o eclesiástico prosseguia explicando:

— Tenho o pressentimento de que encontrarás, agora, uma ocupação muito nobre, com ótima remuneração.

— Será uma ditosa surpresa! — exclamou a moça com infinita alegria transbordante dos olhos.

— Padre Guilherme aqui esteve ontem por duas vezes. De manhã, falei-lhe a teu respeito e prontificou-se a tomar logo as primeiras providências. A' noite, voltou com a notícia auspíciosa. Uma família sua conhecida precisa dos serviços de uma jovem educada, de irrepreensível conduta. Esclareceu que a remuneração é das mais generosas. Trata-se de um casal que, ha três anos chegou da América do Norte em busca de saúde para a filhinha única, que se encontra doente. O chefe da família é um homem abastado, que, além de proprietário em Paris, representa vasta zona comercial de fumo da colônia, em

ligação com o comércio europeu. A dona da casa, de conformidade com as informações do padre Guilherme, é católica praticante e rigorosa no culto. Tem uma filhinha que a impressiona, em extremo, por isso que, da mais tenra idade, parece fugir á ternura maternal e, presentemente, com quasi treze anos, vive presa de grande nervosismo e estranhas preocupações. Os pais deliberaram tomar uma governanta que lhe seja enfermeira e educadora, ao mesmo tempo. E, por coincidencia, di-lo ainda o Guilherme, trata-se de gente irlandesa, que passou longos anos na América.

Alcione alegrou-se. Assim entretidos, formularam vastos planos. Ao despedir-se com a idéia de chamar um médico para a progenitora, Damiano lhe disse:

— Ficamos então combinados. De hoje a três dias, Guilherme te apresentará nessa casa de sua confiança e que fica, creio, nas proximidades de São Landry, na Cité. Farás ver á Madalena as vantagens do cargo. Quem sabe terá soado o minuto da nossa completa tranquilidade? Não estará aí, talvez, o ensejo para tua mãe realizar o velho sonho de uma viagem ao Connecticut? Por mim, morrerei mais sossegado se puder partir com esta esperança.

A jóven sorriu e observou, resignada:

— O senhor tem razão. Tudo isso poderá acontecer.

Muito animada, a filha de Cirilo Davenport chegou á casa, onde não teve dificuldade em convencer a progenitora de quanto lhe dissera o velho sacerdote. Madalena Vilamil concordou. O cargo de governanta e educadora seria mais convincente. A costura, em contacto com tanta gente desconhecida, não era um penhor de tranquilidade. A pobre senhora acabou por sentir enorme satisfação, e quando soube que se tratava de família ligada á América do Norte, não ocultou a velha esperança de conhecer o Novo Mundo.

Nesse dia, á tarde, o Dr. Luciano Thierry, procurado pela jóven Vilamil, por indicação dos vizinhos, visitou a enferma submetendo-a a rigoroso exame. Enquanto permanecia a seu lado, o médico não pouparon prognos-

ticos otimistas; mas ao retirar-se, chamou Alcione em particular e disse:

— Menina, o caso de sua mãe é muito mais complexo do que se pode imaginar. Claro que não pouparei todos os recursos ao meu alcance, mas penso que ela dificilmente se levantará da cama.

— A moléstia é tão grave assim? — inqueriu a moça, evidenciando aflição.

— O reumatismo assumiu caráter muito sério. Os pés e joelhos me parecem definitivamente inutilizados, condenados a inanição. Mandarei algumas pomadas para fomentações e digo-lhe que sua progenitora ainda poderá viver alguns anos. Da paralisia, porém, só Deus poderá libertá-la.

A filha de Madalena agradeceu, naturalmente acarinhada, mas procurando reforçar as energias íntimas. Jesus, que sempre lhes enviava recursos nos grandes momentos da vida, não as deixaria sem amparo.

No dia combinado, lá se foi com o padre Guilherme, para estrear o novo emprêgo. E experimentava enorme conforto em saber que teria, doravante, o pão assegurado para si e para os seus, mercê de atividade honesta e digna. Instruiu Luisa na aplicação dos remédios á progenitora, fez recomendações a Robbie e beijou Madalena, prometendo regressar á noite, conforme ficara previsto e combinado.

Passava de meio dia, quando o padre Guilherme procurou Damiano para exprimir-lhe o seu reconhecimento.

— O Sr. Davenport ficou radiante: a senhora Suzana não estava em casa no momento, mas o chefe da família, bem como o velho Jaques, ficaram ótimamente impressionados com a sua pupila. Deixei-a, portanto, num ambiente de franca simpatia.

* Ouvindo aqueles nomes, Damiano manifestou a mais viva curiosidade. Efetivamente, ele os ouvia a miúdo, repetidos nas conversações de Madalena. Cercando-se de grande prudencia, perguntou:

— De que região da América procede essa família?

— Do Connecticut.

O eclesiástico experimentou o primeiro abalo íntimo; todavia, buscou controlar-se e continuou:

— O nome Davenport não me é estranho. Se me não engano já ouvi um colega referir-se a um tal Samuel, que, há muitos anos, residiu em Belfast.

— Isso mesmo — confirmou o outro, satisfeito — trata-se do pai deste Cirilo Davenport, rico negociante de fumo, de cuja residência venho neste instante. Ha vinte anos, aproximadamente, a família que se empobreceu com a perseguição dos ingleses, na Irlanda do Norte, retirou-se para a América, onde adquiriu sólida fortuna. Na mocidade, porém, o Sr. Davenport trabalhou, modestamente, aqui em Paris...

— Ah! — disse Damiano, quasi aterrado. Intensa palidez inundara-lhe o semblante vincado de rugas.

— O Samuel a que se refere — prosseguia Guilherme, loquaz — pelo que infiro das missas celebradas em sua intenção, deve ter falecido há uns dez anos.

Justificando a expressão fisionómica, o velho sacerdote de Ávila observou:

— Este mal do peito sempre me causa torturas momentâneas.

E levantou-se para tomar um copo d'água.

— Escuta, Guilherme, — continuou a dizer pausadamente — o casal Davenport tem uma vida feliz? Naturalmente que êstes assuntos me preocupam, dado que a minha pupila vai agora conviver com eles.

Assim se manifestando, visava obter por meios indiretos qualquer informação sobre o passado conjugal de Cirilo. Sem cuidar de que versava assunto delicadíssimo, o interpelado acentuou:

— O Sr. Davenport é casado em segundas núpcias. A primeira esposa, ao que estou informado, era espanhola, de Granada. Chamava-se Madalena Vilamil e morreu no surto variólico de 63.

Damiano não sabia como dissimular a comoção. De balde procurava um meio de parecer despreocupado. O amigo, porém, tudo atribuía ao seu precário estado de saúde.

— A falecida foi sepultada no cemitério dos Inocentes. Já lhe visitei o tumulo em companhia dos senhores Jaques e Cirilo.

— Quem é esse Sr. Jaques? — inqueriu Damiano, apesar da emoção.

— E' sogro do Sr. Davenport e, ao mesmo tempo, seu tio, pois o negociante de fumo é casado com uma prima, em segundas núpcias. Aliás, o bom velhinho que se encontra hoje beirando o sepulcro, pelos muitos achaques da senetude, foi por muitos anos professor aqui na França.

— Em París?

— Não, em Blois.

Damiano estava satisfeito, não poderia ter mais dúvidas.

— Deus abençõe Alcione para que saiba servir nessa casa com amor cristão — concluiu serenamente — não desejo outra cousa.

Muito habilmente desviou depois a palestra noutros rumos, de maneira a não se traír pela intensa emoção. Mas, quando Guilherme se retirou reiterando-lhe agracimentos, entregou-se a profunda e dolorosa meditação. Acabava de palpar o enigma sem poder atinar com a chave. Naturalmente, o drama sinistro que adivinhava por trás da situação, fôra urdido por alguma inteligencia perversa. Recordava as mínimas revelações e confidencias da senhora Vilamil, nas longas conversações de Ávila e não podia duvidar da inveracidade dos acontecimentos que Madalena aceitara como verdade inconcussa. Sempre lhe parecera estranho o fato de haver Cirilo Davenport desaparecido, sem qualquer notícia direta da América, para a espôsa distante. Considerava tambem, que, se Madalena o havia por morto, o mesmo se dava com o marido, que lhe venerava a suposta sepultura. Quem havia tramado, assim, contra a felicidade de dois corações? Rememorou as confidencias que a filha de D. Inácio lhe fizera a respeito da personalidade de Antero de Oviedo. Seria êle o autor do nefando delito? Depois de laboriosas reflexões, concluia que, se não fôra êle o único criminoso, devia ter sido cúmplice ativo do feito abomí-

nável. Em seguida, mente cansada, passava a refletir nos estranhos, insondáveis designios da Providencia Divina, que haviam conduzido Alcione ao segundo lar paterno. Experimentava profunda ansiedade por se dirigir, mesmo doente, á residencia do Sr. Davenport, mas a tarde começava a caír, muito fria e receava os acessos de tosse. Não descansaria, porém, enquanto não se avistasse com a jóven, de modo a ouvir-lhe as primeiras impressões. Para isso, deu ordens ao criado que mandasse um carro a São Marcelo, para que a menina Vilamil o visitasse nas primeiras horas da noite, depois de regressar ao lar.

Quando a moça entrou em casa, cerca de dezenove horas, já encontrou a viatura que a esperava, recomendando-lhe a progenitora não se demorassem em seguir para São Jaques do Passo Alto, porquanto, o chamado de Damiano lhe dava muito que pensar. Receava que o velho amigo tivesse piorado. A jóven atendeu com presteza. Depois de responder as primeiras arguições maternas sobre o novo cargo, declarando-se muito satisfeita e bem impressionada, dirigiu-se ao bairro próximo, assaz preocupada.

O velho sacerdote de Ávila abraçou-a comovido.

— Como foste de serviço, minha filha?

— Primeiramente, fale-me da sua pessoa. Como vai? Ficamos aflitas com o negócio do carro. A saúde piorou?

— Nada. Vou muito bem. Chamei-te tão somente para saber como te déste com o novo emprêgo.

A moça tranquilizou-se, exclamando:

— Ora graças a Deus!

— O padre Guilherme, — prosseguiu Damiano solícito — aqui esteve e deu-me informações, mas preciso falar-te sériamente, em particular. Tiveste boa impressão da casa e da gente?

— E' muito interessante o que pude observar, porquanto, o Sr. Davenport e a espôsa não me eram de todo desconhecidos.

— Como assim? — indagou Damiano, intrigado.

E' que assistiram ao concerto lá no adro de Nossa Senhora e, por sinal que foi o Sr. Cirilo quem me deu os trezentos francos que eu lhe trouxe.

— Como tudo isso é significativo! — exclamou o sacerdote muito emocionado. — E como te receberam?

O Sr. Davenport e o tio, bem como a pequena Beatriz, de quem vou cuidar, trataram-me com excepcional carinho. A meninota parece nervosa e acabrunhada, mas tem muito bom coração. Como primícias da tarefa, conversamos quasi todo o dia, valendo-me eu da ocasião para falar-lhe dos ensinamentos do Cristo como verdadeiro e legítimo remédio para todas as necessidades da vida e do coração. Ela está mocinha e creio que me compreenderá. Contudo, não posso dizer o mesmo da senhora Suzana. Esta, quando voltou de uma visita elegante, encontrando-me em casa, não disfarçou a contrariedade. Não sorriu quando o marido lhe falou que eu era a cantora da noite em que haviam estacionado na praça da igreja, afirmando que essa circunstância depunha contra mim. Acrescentou que o padre Guilherme estava, por certo, enganado na escolha, pois solicitara uma governanta mais velha, com maior experiência da vida. Quando me disse que meus serviços não lhe convinham, a pequena Beatriz fez grande bulha, afiançando o contrário. A enferma abraçou-se comigo, a gritar, provocando a intervenção do pai e do avô, que acorreram pressurosos. Esclarecido o motivo de suas lágrimas, o Sr. Davenport cravou na espôsa um olhar muito austero e decidiu que eu ficasse de qualquer maneira. Vendo, porém, o enfado da senhora, pedi permissão para desistir, mas não fui atendida. O Sr. Jaques foi a meu favor, reprimindo a conduta da filha. Reconhecendo-se isolada no seu ponto de vista, a senhora Suzana passou então a tratar-me com brandura, concordando com a minha permanência ao lado da filha.

Damiano que a escutava com atenção, valeu-se da pausa e interrogou:

— E os nomes nessa família irlandesa não te preocuparam?

— Sem dúvida que me ocorreram pensamentos estranhos, em contacto com as pessoas da casa. Cirilo Davenport é o nome de meu pai, e os nomes de Jaques e Suzana parecem muito ligados ás recordações da mamãe.

— Porventura não te perguntaram pelo teu nome de família?

— Sim, mas deu-se um fato muito interessante, que me compeliu a permanecer um tanto retraiida. Quando cheguei, o Sr. Jaques me contemplou muito admirado e disse ao sobrinho: — “é o retrato de Madalena Vilamil”. Tive um grande susto ao ouvir essa inesperada referência ao nome de mamãe, mas suponho que trataram de pessoa importante de suas relações. Dentro em pouco, soube que a família é Davenport. E fiquei atrapalhada para responder ao Sr. Cirilo, quando procurou saber meu nome. Se dissesse Vilamil, ou Davenport poderiam supor que estava querendo insinuar-me e classificar-me como parente da casa; vendo a senhora Suzana tão agastada com a minha presença e para não lhe parecer petulante, disse, então, que me chamo “Alcione da Chácara”. Essa resposta foi boa porque me tranquilizou a conciencia, visto ser êsse o nome com que me tratavam lá em Ávila, na intimidade. Assim, padre, creio que não ofendi a dona da casa, nem faltei á verdade.

Damiano fez um gesto de quem se tranquilizava e sentenciou:

— Procedeste muito bem. A prudencia salva sempre.

E depois de consultar o coração aflito e receoso das amarguradas revelações, disse á interlocutora com inflexão de carinho:

— Agora, vamos aos motivos da inquietação que me obrigou a chamar-te.

Voz pausada, evidenciando forte emoção, iniciou as confidencias, reportando-se ás afirmativas de Madalena e confrontando-as com as do padre Guilherme.

A filha de Cirilo tudo ouvia com penoso assombro. Estupefacta, não conseguia responder. Quando ele se referiu ao que se passara junto do tumulo da progenitora, no cemitério dos Inocentes, as lágrimas lhe rolaram dos olhos.

Sumariando as suas conclusões, Damiano acentuava:

— Não podemos ter qualquer dúvida, mas eu espero que te mantenhas sobranceira á prova que nos visita e precisamos enfrentar. Sei quão amargas devem ser tuas

lágrimas, mas, estou certo de que Deus te amparará o coração afetuoso.

— Não choro por mim, padre Damiano, e sim pela mamãe, cujos padecimentos me cortam o coração.

Impressionado com o acento comovedor dessas palavras, o velho amigo considerou:

— Se vês que não podes continuar na casa dos teus parentes irlandeses, poderemos arranjar uma desculpa que justifique a tua desistência. Se quiseres, dada a complexidade e gravidade do caso que nos defronta, poderemos induzir tua mãe a voltar para Castela. Estou doente, é verdade, mas isso não é motivo para deixar de acompanhá-las. E assim guardariamos lá o doloroso segredo, para sempre!...

Alcione recordou a figura do progenitor quando lhe pôs nas mãos uma bolsa recheada, lembrou o acolhimento que lhe dispensara no ambiente doméstico e ponderou:

— Não podemos fugir. Não seria Deus que me conduziu á casa paterna para que eu aprendesse alguma virtude das que se ligam á divina humildade? Não creio que meus parentes precisem de mim para alguma causa, mas, sinto que necessito deles para acender meu coração.

O velho sacerdote acolhia, profundamente comovido, aquela preciosa lição de renúncia. Observar a atitude angélica de Alcione representava enorme conforto para o seu espírito cansado. Por isso mesmo, calara-se para que ela, nobre e humildemente, continuasse a derramar-lhe na alma exausta as sublimes consolações da discípula de Jesus.

— Além disso — prosseguiu Alcione depois de uma pausa — se meu pai estendeu-me a carinhosa mão na via pública, proporcionando-me tanta alegria sem saber que eu era sua filha, como poderei abandoná-lo agora, ciente de que me deu a vida? Não seria renegar os ensinamentos do Cristo? O Sr. Cirilo Davenport me conquistou pela sua generosidade. A partir de hoje, confiou-me a filhinha como se me conhecesse de há longos anos, obrigou-me a sentar á mesa da família, ordenou que seu carro particular me trouxesse a São Marcelo. Não posso admitir que meu pai procedesse conciente-

mente contra minha mãe. Atrás de tudo isso deve existir uma trama criminosa.

Muito sensibilizado, o eclesiástico replicou:

— Tuas razões são sagradas e concordo com o teu parecer, de que Jesus te conduziu ao lar paterno com algum objetivo; mas, se sugerí o retorno á Espanha foi pensando nos teus padecimentos morais, bem como na hipótese de Madalena ter agravados, algum dia, os seus sofrimentos já quasi intoleráveis.

Alcione meditou um minuto e redarguiu serenamente:

— Sim, por minha mãe todos os sacrifícios serão poucos, mas buscarei ocultar com os meus beijos a realidade dolorosa. Jesus me auxiliará para que ela não saia deste mundo conhecendo as verdades amargas... Amará meu pai até o fim, como símbolo da ventura que a espera no céu e será, para mim, como a santa de um altar, ligada a Deus; mas, estando meu pai ainda no mundo, não será razoável cooperar para que ambos se unam para sempre na eternidade?

— Mas, o teu esforço penoso? E os sacrifícios diários por desenvolver dignamente a tarefa em tal situação?

— Cinjo-me ás próprias lições que me déstes desde a infancia. Será que Jesus peregrinou pela Terra, somente para que o admirássemos? Teria sido escrito o Evangelho apenas para que os homens encontrassem nas suas páginas motivos de apologias brilhantes? Sua palavra, padre, não me inculcou, sempre, que permanecemos no mundo com o santo objetivo de purificar o coração? Deus quer que nos amemos uns aos outros. Sua misericordia, de quando em quando, reune fortuitamente os próprios inimigos, por verificar se já estão prontos á tarefa sacrossanta do amor. Se a Providencia Divina me conduz agora aos braços paternos, por que e como contrariar seus insondáveis desígnios?!

— Deus te abençoe os propósitos sublimes — murmurou o sacerdote sensibilizado até as lágrimas — amanhã ou depois, farei uma visita aos Davenport, não obstante o meu precário estado de saúde. Preciso observar de perto os personagens do nosso drama, afim de legi-

timar as minhas ilações. Irei como teu tutor, ratificar a apresentação do padre Guilherme e então, estudarei fisionomias e sondarei corações. Recomendo-te, porém, muita cautela, para que tua mãe permaneça alheia a esta nova amargura do seu caminho. Será mesmo de alta prudencia não desceres do carro de teu pai á porta de casa, mas distante e de maneira a evitarmos qualquer surpresa dolorosa.

Ela concordou e conversaram ainda alguns minutos, até que se despediu com as novas recomendações de prudencia e votos de tranquilidade, do velho sacerdote.

Decorridos dois dias, com enorme dificuldade, Damiano tomou um carro em companhia de Guilherme, afim de vingar seus propósitos no elegante palacete das cercanias de São Landry. Prevenida de véspera, a família Davenport aguardava-o com homenagens afetuosas, recebendo-o com excepcional carinho.

Logo ás primeiras palavras, notou que Alcione gozava da simpatia geral, embora as atitudes de Suzana indiciassem preocupações indefiníveis. De pronto a conversa generalizou-se animada. O professor de Blois, agora ancião venerando pelos cabelos de neve, comentava o concurso da igreja nos planos educacionais da época, destacando a cooperação preciosa dos padres integrados no conhecimento de sua missão divina. Damiano surpreendia-se com a vivacidade intelectual do velho educador. Cirilo, de quando em vez, intervinha com alguma observação, dando impressão de homem ativo e trabalhador, mas de alma envelhecida, em virtude do véu de tristeza inalterável que lhe ensombra o rosto. A espôsa parecia amavel, embora pouco expansiva. A um canto da sala, a filha de Madalena descansava num divã ao lado da jóven Beatriz, em atitude humilde.

Debalde o sacerdote procurara, de inicio, um meio de provocar as recordações do passado e lê-lo na fisionomia de cada um. Depois das primeiras impressões, acentuou intencionalmente:

— Pois que estou com um pé na sepultura, folgo em ver que Alcione ingressa numa casa nobre, que lhe proporcionará o bem-estar que desejo.

— Que é isso, reverendo Damiano? — atalhou Jaques generoso. — Se, revigorado, qual o vejo, nos fala em morrer, que não direi eu com os meus achaques sem remédio? A velhice é uma escola rigorosa de meditação, mas eu ainda me recuso a pensar na morte.

— Sou, porém, muito mais velho que o senhor.

— Vê-se logo que é gentileza sua; olhe que a bondade é um dom precioso, mas não pode excluir a verdade.

E mudando o rumo da assertiva, continuava:

— Quanto á sua pupila, pode ficar descansado. Padre Guilherme andou muito bem inspirado trazendo-nos esta amiguinha para Beatriz e para nós mesmos. Ela não será aqui uma serva e sim uma filha. Pode estar certo disso.

— Sem dúvida — confirmou Cirilo com um gesto franco.

— O que mais nos impressionou, desde a chegada, — continuou carinhosamente o velhinho — foi a extraordinária parecença com a primeira mulher de meu sobrinho, a quem eu considerava como propria filha. Creio que, se a senhorita fôsse filha de Madalena, talvez não se parecesse tanto com a finada... Os caprichos da natureza são profundos, porque, na verdade, nunca esquecemos a falecida.

Nesse instante, o olhar do sacerdote de Ávila cruzou casualmente com o da dona da casa, e teve a impressão de que ela se perturbava, assaltada por algum pensamento menos digno. O amigo da senhora Vilamil desejou sinceramente conhecer certos detalhes referentes á presumida morta, mas não se sentia com ânimo de abordar de chofre tão delicado assunto. Poderia parecer imprudente e atrevido aos Davenport, que o recebiam com tanta cordialidade e aprêço. Nessa altura, atréguando-se a palestra, o visitante notou que o velho Jaques tinha sinais antigos de varíola, nas rugas do rosto. Não esperou outra inspiração e perguntou, com delicadeza:

— Pelo que estou vendo, Sr. Jaques, a "bexiga" tambem não o poupou, noutros tempos...

— Ah! sim, na varíola de 63 nossos padecimentos foram terríveis.

— Eu tambem muito sofri nessa época, aqui em Paris, onde viera a convite de alguns colegas. E estive tão mal, — acrescentava sorrindo — que quasi me sepultaram vivo, num dos cemitérios improvisados.

A filha de Jaques recordou fortemente o minuto em que livrara a rival de semelhante destino e fez um gesto instintivo de espanto.

— Nessa ocasião, — explicou o professor — residíamos em Blois, mas Suzana teve oportunidade de observar muita cousa triste, nesta cidade, pois aqui chegou no dia imediato ao da morte de Madalena.

— Ah! por favor, senhora Davenport — exclamou Damiano, mostrando-se muito impressionado — conte-nos a sua experiença. Não poderei esquecer o pavoroso instante em que me ameaçavam com o sepultamento, apesar de me sentir no gôzo de todas as faculdades... Foi um minuto terrível...

— São recordações muito amargas, padre, — retrucou Suzana aparentemente tranquila. — Como não ignora, meu marido era casado em primeiras núpcias, aqui em Paris, e tendo êle seguido para a América, a família ficou em dificuldades, quando irrompeu a pavorosa epidemia. Madalena Vilamil era como se fôsse uma irmã. A carta que escreveu a meu pai, para Blois, era um apêlo que não podia ficar sem resposta. Logo que pude, vim até cá, por trazer-lhe os meus prestimos. A pobrezinha, porém, havia sido sepultada na véspera. Todavia, ainda pude encontrar seu pai com vida, assistindo-lhe os últimos momentos. D. Inácio, velho fidalgo espanhol, tinha em sua companhia um sobrinho chamado Antero de Oviedo, que foi um arrimo para todos, naqueles dias tão amargos! Ajudei-o a providenciar o enterramento do tio ao lado da sepultura da filha, no cemitério dos Inocentes e, nos poucos dias de minha estada em Paris, pude testemunhar a brutalidade dos carregadores desalmados, que farejavam cadáveres todas as manhãs, nas casas contaminadas.

O sacerdote de Ávila já conhecia o bastante para inferir a conivencia de Suzana no drama que negrejava o destino de Madalena, e acrescentou:

— A senhora deve ter sofrido muito.

— Foram dias tormentosos, efetivamente; voltei a Blois tão impressionada que só melhorei quando me vi no mar, a caminho da colonia. O mesmo deve ter acontecido a Oviedo Vilamil, que nos escreveu de Versailles comunicando a resolução de partir para a América espanhola.

Damiano não tinha mais dúvidas. A resolução sinistra só poderia caber a Antero e Suzana, enquanto Madalena estava no leito, entre a vida e a morte. O plano perverso obedecera á complicada urdidura. Dificilmente disfarçando a emoção, entrou a falar de outros assuntos, a-sim-de tornar o ambiente menos pesado.

Regressando ao seu quarto de enfermo, em vão exegocitava um meio de aclarar a situação, concluindo, por fim, que toda a tentativa, nesse particular, arcarteria mais graves problemas. Que adiantaria restabelecer a verdade com o aniquilamento de toda uma família? Pensou na pequena Beatriz, na atitude confiante de Jaques, no semblante grave e triste de Cirilo e firmou o propósito de não intervir na marcha dos acontecimentos, para só confiar na Providencia divina.

Daí a quatro dias, quando Alcione foi visitá-lo, indagou carinhosamente das suas impressões.

— Vou bem, — disse ela resignada — estou começando a compreender que, dia a dia, Deus nos chama á determinada situação para que lhe executemos a vontade santa.

Damiano sorriu, como que desencantado do mundo, e obtemperou:

— Tenho quasi certeza de haver descoberto a trama que destruiu a felicidade de tua mãe, mas julgo que nada se pode fazer por deslindá-la. Como discípulos do Evangelho, devemos compreender que não se deve abandonar o combate ao mal, em hipótese alguma; entretanto, neste nosso caso, a batalha deve desenrolar-se em campo de silencioso sacrifício.

— Compreendo e estou pronta para a batalha, como sempre.

— Não te agastes com o dizer que a senhora Su-

zana participou, a meu ver, da tragédia que infelicitou tua mãe.

— Posso lamentar, mas devo reconhecer que, se Deus me pôs no seu caminho, é que tenho de aprender alguma cousa em contacto com ela. Que será? não sei. De qualquer modo, porém, rogo a Jesus não me abandone. Reconheço que minha mãe tem provado infinitos martírios, mas os criminosos, padre, são mais desventurados que os sofredores. Mamãe, no leito da enfermidade pertinaz, goza de mais tranquilidade^{que} a senhora Suzana no seu palácio. Enquanto Robbie nos alegra com o seu afeto, Beatriz parece detestar a progenitora, trazendo-a em constante acabrunhamento. Tenho, hoje, grandiosas lições diante do meu espírito. Antes mil vezes padecer a calunia e o abandono, que tisnar a conciencia com a nódoa do crime. Este, padre Damiano, o quadro permanente que tenho diante dos olhos.

— Lembraste bem, — murmurou o sacerdote meando a cabeça encanecida.

— Meu pai e a segunda espôsa, — prossegui a jóven — são profundamente infelizes na vida conjugal. Por vezes, longamente altercam sobre ninharias da vida social. Não raro, ele se afasta exasperado, enquanto que ela se desfaz em lágrimas. Tenho a impressão de que Beatriz é o unico elo que os mantem presos aos compromissos contraídos. Tudo isso não será uma lição bem amarga?

O sacerdote considerou a exposição judiciosa e concordou:

— Tens razão. Contudo, minha filha, não fôssem as circunstancias imperiosas que nos impõem silêncio, haveria que denunciar o crime, para que os autores não ficassem impunes.

— Pode crer, porém, — exclamou Alcione, depois de refletir um instante — que a senhora Davenport está sendo punida todos os dias. Não poderemos, por certo, conhecer o gráu da sua conivencia no delito, mas tenho podido observar a sua luta expiatoria. As meditações d'estes dias têm-me ensinado que devemos tratar os pecadores não como criaturas perversas ou indesejaveis, mas como doentes necessitados de medicação constante.

Não foi assim que Jesus nos tratou em sua missão divina? Tenho, agora, a convicção de que o Mestre encarou os romanos como pessoas atacadas pela moléstia da ambição e da tirania; os judeus como enfermos da vaidade e do egoísmo destruidores; e de certo terá visto em Judas um companheiro dementado, tanto quanto em Pilatos um irmão perseguido pela doença do medo.

O sacerdote estava comovidíssimo. Tais interpretações lhe valiam como balsamo confortador. E mal se recobrava do assombro quando Alcione continuou:

— Suponho legítima esta presunção, porque a identificamos com a bondade do Cristo, em todos atos de sua vida e até nos derradeiros instantes da cruz. Conduzido ao madeiro entre dois ladrões, nos quais devemos enxergar dois doentes do mundo, bastou que um deles mostrasse o desejo sincero de melhorar-se recobrando a saúde, e o Senhor lhe prometeu o paraíso.

— Sim — disse o religioso emocionado; estas idéias devem fluir do céu para o teu coração purificado. Deus te proteja nos caminhos longos e escabrosos, porque as almas nobres, qual a tua, surgem na Terra como partícipes das aflições do Cristo. O mundo prepara sempre um calvário para as vidas cristãs, mas o Mestre te reserverá a corôa da vida...

— Não diga isso, o senhor me atribue a bondade que lhe pertence. Estou muito longe de compreender verdadeiramente o Cristo, mas, não obstante, certa de não ter vindo a este mundo para descanso e gôso fictícios. Aliás, nosso raciocínio deve ser claro: se o Salvador veiu à Terra provando os testemunhos mais ásperos, vertendo sangue e lágrimas, por que darmos tanta importancia a algumas gotas de suor, vertidas em beneficio proprio?

Damiano agradeceu com um olhar de júbilo íntimo.

E dividindo a mocidade entre o palacete paterno e a casinha materna, humilde, Alcione Vilamil, em árdua tarefa, rogava a Jesus não a abandonasse na dolorosa missão.